



GT 9 - Museus, Patrimônio e Informação

ISSN 2177-3688

OS MUSEUS HISTÓRICOS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

HISTORICAL MUSEUMS AND THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE

Lucinei Pereira da Silva - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Luiz Henrique Assis Garcia - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A questão central deste texto é compreender a potencialidade dos museus históricos como importantes espaços para produção do conhecimento. Nesta investigação, utilizaremos como objeto de análise dois museus históricos: o Museu da Cidade, localizado em Governador Valadares (MCGV), interior de Minas Gerais e o Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), localizado na capital do estado. Para tanto, utilizaremos de trechos de documentos como: manuscritos, jornais e cartascuja intenção é propor uma reflexão dialógica que caracteriza os dois museus históricos em contrasteneste estudo e a produção do conhecimento.

Palavras-chave: museus históricos; produção do conhecimento; consciência histórica.

Abstract: The central issue of this text is to understand the potential of historical museums as important spaces for the production of knowledge. In this investigation, we will use as an object of analysis two historical museums: the Museu da Cidade, located in Governador Valadares (MCGV), in the interior of Minas Gerais, and the Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), located in the state capital. Therefore, we will use excerpts from documents such as: manuscripts, newspapers and letters whose intention is to propose a dialogical reflection that characterizes the two historical museums in contrast in this study and the production of knowledge.

Keywords: historical museums; production of knowledge; historical consciousness.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões desenvolvidas neste texto são apontamentos parciais da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) cujo objetivo é analisar as experiências perceptivas e as relações que os professores de História realizam com as narrativas expositivas do Museu da Cidade de Governador Valadares/MG (MCGV) e no Museu Histórico Abílio Barreto de Belo Horizonte/MG (MHAB). Neste texto, buscaremos refletir sobre a potencialidade dos museus históricos como importantes espaços para produção do conhecimento, pois acreditamos que o contato com os objetos museais pelo público pode

promover uma ação questionadora e indagadora, para além de sua materialidade, sobre os processos que os produziram e que os musealizaram, aproximando assim, o visitante do fazer historiográfico. Como ficará claro, a escolha por instituições em contraste é justificada sobretudo por permitir comparar diferentes perspectivas sobre a construção do saber histórico.

Segundo os apontamentos de Meneses (1992) é comum os museus históricos considerarem que sua função principal seja buscar evocar e celebrar o pretérito através de objetos relacionados a fatos e figuras excepcionais do passado. No entanto, no entender do autor, para que um museu seja efetivamente histórico precisa “organizar-se para que uma sociedade determinada possa ser entendida tal como ela se apresenta, isto é, organismo vivo, sujeito a mudanças” (MENESES 1992, p. 7). Desse modo, para além da função de conservar, essas instituições são instigadas a democratizar e tornar as coleções acessíveis e compreensíveis. Em outras palavras, torna-se importante selecionar não apenas os objetos, mas os campos de problemas históricos merecedores de maior atenção (MENESES, 1992, p. 8).

A construção de qualquer acervo museológico (baseado em escolhas e omissões) interpreta e narra um assunto tanto por meio da expografia escolhida tanto quanto por meio de comunicação, educação e ação da instituição. Partindo de tal premissa, Ulpiano Meneses (1992) ressalta que o melhor potencial dos museus históricos é promover a consciência histórica. Ou seja, a evocação e a celebração do passado podem estar presentes nestas instituições não como *objetivo*, mas como *objeto* do conhecimento. Em outras palavras, é no questionamento, no estranhamento e nas indagações, e não em respostas prontas, que o museu encontraria solo fecundo para produção do conhecimento (MENESES, 2010, p. 33).

Nessa direção, os museus históricos deixam de ser espaços transmissores de curiosidades através de objetos resultantes de conquistas bélicas, ou de grandes feitos realizados por sujeitos notáveis da história e passam a ser um importante espaço de interpretação de culturas, fortalecendo a cidadania e o respeito às diferenças culturais. Segundo Shall (2003), os museus podem ser ambientes propícios para se viver experiências significativas e para construir conhecimento. No dizer do autor, quando estas instituições se permitem promover a consciência histórica “a sensibilidade estética é aflorada, num processo aberto de comunicação que permite a cada pessoa explorar, sentir, pensar, tocar de

modo singular e autônomo” (SHALL, 2003 p. 17). Discutindo o tema das conquistas bélicas, Meneses (2010) utiliza como exemplo a função de uma arma em um museu histórico. Segundo ele, este objeto não está lá para defesa ou ataque, mas como um artefato (documento), capaz de produzir sentidos, significados e questionamentos pelos sujeitos que visitam a exposição. De fato, a presença desse objeto no museu pode ser instrumento para a construção do conhecimento, gerando indagações sobre a ascensão de propagandas, eventos e grupos pró-armas observadas no tempo presente.

2 DESENVOLVIMENTO

Vale notar que é recorrente haver na narrativa expositiva de museus históricos tradicionais brasileiros, objetos tão diversos como armas, instrumentos musicais, mobiliário, artefatos litúrgicos e de tortura de negros escravizados, via de regra pertencentes a membros das elites políticas, econômicas e sociais, muitas vezes indivíduos exaltados como heróis. Dentro de uma perspectiva datada, esses acervos aludem ao culto da saudade e à encenação da memória do poder (SANTOS, 2006; CHAGAS, 2015). Sendo mais enfático,

[...] perpetua-se nas exposições de museus históricos dos mais diversos tamanhos, localizações e trajetórias institucionais esse modo de ‘encenar’ a História, e, por conseguinte, de forjar hegemonia em seus respectivos contextos (SILVA; FREITAS; GARCIA, 2022, p. 156).

No entanto, a questão que se coloca é: como aproveitar os sentidos que definem e hierarquizam esses objetos para se produzir conhecimento (cognitivo e afetivo)? Sobre este questionamento, Meneses (2010, p. 29) nos dá algumas pistas: a primeira é a necessidade de uma política de acervo que não seja aleatória, mas sistemática e coerente, que leve em conta os problemas do conhecimento. A segunda é não ignorar nenhum problema relevante, em qualquer área (História, Antropologia, Artes, Ciências da Natureza, Tecnologia, etc). Por isso, a necessidade de articulações com especialistas e instituições. E por fim, a importância de um corpo próprio de pesquisadores, para evitar as superficialidades da chamada “pesquisa para exposição” e estabeleça uma agenda de pesquisa institucional, que englobe as exposições, atividades educacionais, de extensão e culturais.

Tradicionalmente, os critérios de entrada dos objetos em museus históricos priorizaram o que se entendia por valores históricos e artísticos, práticas que muitos deles ainda não renovaram. Em algumas dessas instituições o valor dado ao objeto é relativo à sua antiguidade ou também, o valor histórico é atribuído às peças que teriam pertencido a

algum personagem exemplar ou feito parte de eventos tidos como gloriosos. Como sustenta Santos (2006), a valorização da antiguidade dos objetos - cara por ser exemplar de um mundo que não é mais o nosso -foi seu ponto fundador. Nestes espaços mantém-se a tradição de admirar o exótico, o estranho, o antigo, por meio do culto das relíquias, em detrimento da produção da consciência histórica. Nesse ponto, Meneses (2010, p. 29) é enfático ao dizer que “[...] os museus encontram-se desarmados para efetivamente produzir conhecimento em seus acervos”. O convite de inauguração do Museu da Cidade de Governador Valadares (MCGV) chama atenção para este aspecto. Maria Cinira dos Santos Neto Netto, que dinamizou o projeto de criação do museu em 1983 dizia

Ao formarmos o ‘Museu da Cidade’, realizamos um trabalho longo, mas gratificante, numa tentativa de preservar os nossos valores históricos e culturais – desde a querida Figueira do Rio Doce até a atual Governador Valadares (JORNAL DA CIDADE, 1983 [29 de janeiro])¹.

Importa salientar que, antes da inauguração do Museu da Cidade em 1983, o professor e diretor da Biblioteca Municipal de GV Paulo Zappi, já em 1959 idealizou um museu na biblioteca. Conforme uma reportagem no Jornal Diário do Rio Doce, nesse início, o valor que Paulo Zappi atribuía às peças estava atrelado à sua antiguidade e os objetos e documentos coletados pudessem ser testemunho de um passado longínquo, que em nosso entender era muitas vezes desvinculado com a própria história da cidade.

Em abril de 1959, pela Lei 762, foi oficializada a Biblioteca Pública. Nesta época o professor e diretor da Biblioteca Paulo Zappi, idealizou também o museu. Assim sendo, começou a coletar peças, sendo as primeiras de animais empalhados, isso quando a Biblioteca funcionava à rua Barão do Rio Branco, sua primeira sede (JORNAL DIÁRIO DO RIO DOCE, 1998 [5 de abril])².

De fato, não era intenção de Paulo Zappi coletar e reunir objetos a partir dos campos de problemas históricos da cidade, mas formar um acervo que se propunha a viver o passado, de senti-lo como se fosse possível voltar no tempo.

O Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), que em seu início chamava-se Museu Histórico de Belo Horizonte (MHBH), também buscou preservar os valores históricos do antigo arraial do Curral Del Rei e da nova capital Belo Horizonte. A instituição fundada em

¹ Arquivo do MCGV.

² Arquivo do MCGV.

1943, tendo o jornalista Abílio Barreto como seu primeiro diretor, buscava ser o guardião da história oficial da cidade, através da composição de um acervo orientado pela escolha de objetos vistos por ele como “valiosos”, “autênticos” e “preciosidades históricas” (ALVES, 2013). Em outras palavras, Barreto, ao escolher as peças para o novo museu buscava uma certa autenticidade ou ancianidade como valores fundamentais. Em uma carta escrita por ele em 1º de junho de 1942 para Juscelino Kubitschek (prefeito de Belo Horizonte na época) podemos compreender que as escolhas de seleção dos objetos estavam baseadas em sua preciosidade histórica e em um passado autêntico.

[...] examinei, em casa do Sr. Tales, todas essas peças e posso informa-lhe que são todos os objetos muito interessantes e valiosos como antiguidade; maior valor terão, entretanto, quando autenticados como preciosidades históricas. Se o arrolamento dos bens deixados pelo padre Vicente Maria provar que as louças, porcelanas e bronzes pertencerem ao Solar dos Ottonis, seriam esses objetos muito convenientes para o Museu (ALVES, 2013, p. 33)³.

Na verdade, a autenticidade parece referir-se ao fato que tal ou qual objeto havia pertencido a esse ou aquele cidadão. Segundo Alves (2013) Abílio Barreto afirmava ter examinado na casa de um colecionador da cidade, chamado Tales Viana, peças disponíveis para venda, e que seriam “muito convenientes para o museu”, já que o cidadão em questão não era um “negociante de velharias históricas”, mas um “apaixonado pelo passado”. Em certa medida, ao organizar um museu para a cidade de Belo Horizonte, Barreto queria construir nos visitantes um sentimento de respeito a um passado de tradição, e os objetos tidos como preciosos e autênticos seriam o registro dessas reminiscências.

Cabe destacar que os objetos não são inerentemente sagrados, nem detêm significados próprios e imutáveis. São os indivíduos que atribuem significado aos objetos. E ao perderem os vínculos com seus contextos de origem, os objetos tornam-se elementos de uma nova escrita. Os museus históricos, portanto, estão sempre construindo novas narrativas expositivas a partir dos objetos que selecionam, sejam estes oriundos do passado ou do presente (SANTOS, 2002). A forma pela qual os objetos são selecionados, estudados, analisados e expostos varia de acordo com os propósitos de cada museu. No entanto, Meneses (1993) ressaltou que os museus históricos podem avançar para além de serem

³ MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO (MHAB, Arquivo documental museológico. Ficha-guia nº 63).

enciclopédias ilustradas e buscar criar em seus cenários expositivos condições para se refletir sobre a identidade de diferentes grupos constitutivos do museu

[...] importa reiterar que não cabe aos museus serem depositários dos símbolos litúrgicos da identidade sagrada deste ou daquele grupo, e cuja exibição deve induzir todos à aceitação social dos valores implicados. Cabe, isto sim - já que ele é o espaço ideal para tanto -, criar condições para conhecimento e entendimento do que seja identidade, de como, por que e para que ela se compartimenta e suas compartimentações se articulam e confrontam, quais os mecanismos e direções das mudanças e de que maneira todos esses fenômenos se expressam por intermédio das coisas materiais (MENESES, 1993, p. 214)

Uma espada em exposição no MCGV, que supostamente seria de D. Pedro II, era algo curioso e denota sobre a necessidade de um profissional responsável em catalogar, verificar a procedência e interpretar a importância do objeto para a história da cidade. Segundo a reportagem do Jornal Leste Hoje ainda, muitos objetos não estavam datados e não se sabe ao certo quantas peças havia na instituição, já que muitas estavam encaixotadas. Sobre este fato, a reportagem foi contundente

A falta de verbas para a contratação de profissionais ligados diretamente ao assunto pode trazer problemas de ordem histórica para o museu. Por exemplo, há uma espada adquirida pelo professor Paulo Zappi entre os anos de 1951-1963 – a maioria das peças não está datada, conclui-se que espada tenha sido adquirida nesse espaço de tempo devido a seu documento – que diz a aquisição ter sido possível por causa “da ajuda do Prefeito Raimundo Albergaria Filho”, que governou a cidade naquele período. Diz o documento “espada com brasão e as iniciais de P-II supõe-se que tenha sido doação de D. Pedro II a algum amigo...” O texto é do próprio professor Zappi, e o problema que o brasão não é da Coroa, e as iniciais muito pequenas não são P-II e sim FDB (JORNAL LESTE HOJE, 1989, p. 28 [5 de dezembro])⁴.

Isso apenas demonstra a tentativa e o esforço do idealizador do MCGV em dar autenticidade e valor histórico ao objeto. Portanto, ao escolher e reunir as peças para o museu, era preciso que estas fossem consideradas relíquias, testemunhas de um passado glorioso, não só das personalidades ilustres oriundas da elite local, mas também da história do Brasil. Era preciso forjar o pretérito para de certa forma dar sentido ao presente. Seguindo essa premissa, Poulot (2003) enfatiza que o museu histórico acaba por sancionar a emergência de novas curiosidades, a partir das vicissitudes e interesses dos dominantes, enquanto desvaloriza os conhecimentos e experiências daqueles que foram subalternizados,

⁴ Arquivo do MCGV.

situando-os à margem da escrita da história. Em outras palavras, o espetáculo do museu histórico tradicional ilustra a discrepância entre a escrita da história e uma representação do passado capaz de evocar e refletir o forte reconhecimento dos signos consagrados pela tradição. Ao contrário disso, o mais importante em um museu histórico é dialogar com o passado, não para sentir saudade ou tentar salvá-lo do esquecimento, mas interpretá-lo como fonte de conhecimento, como sinaliza Ramos (2004).

A falta de pessoal qualificado como museólogos, restauradores, bibliotecários e outros profissionais também era mencionada como uma das principais necessidades do MHAB. Um documento intitulado *Diagnóstico de ações a serem empreendidas no MHAB*⁵ de 1989, colocaria este problema no centro das atenções da instituição. Além disso, outras necessidades citadas no documento também incluíam: restauração e ampliação do acervo, aquisição de mobiliários, maior divulgação do museu junto à comunidade, criação de condições para a visita de escolas de periferia, sugestão de criação de uma Sociedade de Amigos do Museu para viabilização de projetos (DUTRA, 2012).

Somente a partir da década de 1990, com o processo de revitalização, uma concepção museológica e historiográfica contemporânea passou a ser a tônica da instituição (PIMENTEL, 2004). Com isso, o museu buscou ser espaço de uma multiplicidade de abordagens e interpretações sobre o passado. No lugar das preciosidades históricas, houve um esforço em selecionar objetos representativos da dinâmica da metrópole e que dessem conta dos problemas históricos da cidade. Isso implica compreender que os artefatos salvaguardados na instituição são documentos cujo intuito é propiciar aos seus visitantes conhecimento e reflexões sobre a urbe, diferentemente do que idealizava Barreto que tratava tais objetos como antiguidades que poderiam servir de testemunho indubitável da história oficial da construção da cidade de Belo Horizonte. Alguns trabalhos de Garcia (2004; 2010; 2013) evidenciam as consequências práticas dessa mudança de perspectiva, abordando projetos e curadorias de exposições realizadas pelo autor enquanto atuava como coordenador do Setor de Pesquisa do MHAB na primeira década deste século.

⁵ Diagnóstico de Ações a serem empreendidas no MHAB - (Manuscrito). Acervo de Documentos Textuais de 1989. (MHAB, Arquivo Administrativo).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a formação e constituição do acervo do MCGV privilegiava o recolhimento de objetos considerados antigos e preciosos. Atualmente, na exposição de longa duração do Museu da Cidade de Governador Valadares ainda permanece a centralidade nos objetos cuja tentativa é forjar certas “verdades” e representações tradicionalistas sobre a história da cidade, assim como ocorreu nas primeiras décadas de funcionamento do MHAB. No entanto, nos últimos 30 anos esta instituição focou atenção especial para a pluralidade das memórias que conformam a história da cidade, assim como os problemas históricos do passado e do presente da capital. Ou seja, as perspectivas historiográficas que encontramos tanto no MCGV de 1983 até os dias atuais como no MHAB de 1943 a 1993 têm pontos em comum, como a necessidade de reunir objetos considerados “autênticos”, com a intenção de evidenciar os fatos ditos excepcionais da história da cidade como fosse possível se reviver o passado sob o ponto de vista de suas elites.

Ressaltamos mais uma vez que o melhor potencial dos museus históricos é promover a consciência histórica. Pois, apesar das exposições em várias destas instituições serem celebrativas das elites locais - por meio de espadas, porcelanas, armas e telas, cujos doadores de seus acervos são certos munícipes, tidos como ilustres moradores—os museus históricos em grandes centros já avançaram para além desse clichê e buscam criar em seus cenários expositivos condições para se refletir sobre a identidade e a história de diferentes grupos representados em seu acervo, levando em conta com isso não o objetivo, mas o objeto do conhecimento, como apontam Meneses (1992, 1993, 2010) e Santos(2006).

De algum modo, a análise destes dois museus históricos e as reflexões empreendidas neste texto buscará contribuir para que os museus históricos de diferentes cidades (presentes nas capitais e no interior) ultrapassem a barreira do fetiche e do culto às relíquias dos heróis fundadores da cidade e garantam ao objeto status de reflexão histórica e produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Célia Regina Araújo. Entre preciosidades históricas e retalhos da memória: a formação do acervo do Museu Histórico Abílio Barreto. *In*: OLIVEIRA, Leônidas José de Oliveira (org.) **O Museu e a cidade sem fim**: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2013. p. 76-97.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó, SC: Argos, 2 ed., 2015.

DUTRA, Soraia F. **A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

GARCIA, Luiz Henrique A.; PIMENTEL, T. V. C.; VASCONCELOS, L. J.; RODRIGUES, Rita. L.; BERNARDO, Sirlene; BARROS, Fabiano B. **De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004. (Catálogo de exposição).

GARCIA, Luiz Henrique A. Possibilidades abertas: relações entre pesquisa e acervo em uma exposição de museu histórico. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS** (Online), [s.l.], v. 23, p. 21-37, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/7681>. Acesso em: 08 set. 2023.

GARCIA, Luiz Henrique A. Intervenção museal no espaço urbano: história, cultura e cidadania no Parque Lagoa do Nado. **História**, (online), São Paulo, v. 32, p. 87-104, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/j7LZk54JcMWWVm4ZbnwTnws/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2023.

JORNAL DA CIDADE. 1983. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/45982> Acesso em: 08 set. 2023.

JORNAL DIÁRIO DO RIO DOCE. 1998. Disponível em: <https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/museu-da-cidade-lugar-para-ir-ver-e-aprender/53314> Acesso em: 08 set. 2023.

JORNAL LESTE HOJE. 1989. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1989_00251.pdf Acesso em: 08 set. 2023.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Museus históricos: da celebração à consciência histórica. In: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992. p. 7-10.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, São Paulo, nova série, n. 1, p. 207-222, 1993.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado e LOPES, Regis (org.). **Futuro do Pretérito: história dos museus na escrita da história**. Editora ARGOS Coleção História e Patrimônio, 2010. p.13-33.

PIMENTEL, Thaís V.C. (org.) **Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade (1993-2003)**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.

POULOT, Dominique. Nação, museu, acervo. *In*: TOSTES, Vera; BITTENCOURT, José Neves; BENCHETRIT, Sarah (Org.). **História representada**: o dilema dos museus. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 43-44.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lusófona, v. 19, n. 19, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, Minc/IPHAN/DEMU, 2006.

SCHALL, Virgínia T. Educação nos museus e centros de ciência: a dimensão das experiências significativas. *In*: **Workshop**: educação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

SILVA, Lucinei Pereira da; FREITAS, Kelly Amaral de; GARCIA, Luiz Henrique Assis. O Teatro de memória encenado em museus históricos. **Cadernos de História**, Minas Gerais, v. 23, n. 38, p. 153-172, 2022.